



**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica**

CLACIANE RĨNĚNH CRESPO

Florianópolis/SC – 2015

CLACIANE RĨNĚNH CRESPO

ÊG KANHGÁG TỸ MỸSINSÉR MŨJ FÊ KÃME VÃSỸ KAR URI KE

AS DANÇAS TRADICIONAIS KAINGANG: PASSADO E PRESENTE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito parcial para obtenção de título de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Terminalidade: Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clarissa Rocha de Melo

Florianópolis/SC-2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 30 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 13:30 horas, sala 301, bloco B, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Clarissa Rocha de Melo e Presidente, Professor Silvia Maria de Oliveira, Titular da Banca, e Professor Suplente, Ana Lucia Vulfe Notzold designados pela Portaria nº07./HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Claciane Rinenh Crespo, subordinado ao título: "**Praticas Corporais Kaingang: As danças existentes no passado e nos dias atuais**". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Orientador Clarissa Rocha de Melo, a nota final 9,5, do Professor Silvia Maria de Oliveira, a nota final 9,5, e do Professor Ana Lucia Vulfe Notzold, a nota final 9,5; sendo aprovado com a nota final 9,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 30. de de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Clarissa Rocha de Melo

Prof. Silvia Maria de Oliveira

Prof. Ana Lucia Vulfe Notzold

Candidato Claciane Rinenh Crespo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a), **CLACIANE RÎNÊNH CRESPO**
matricula n.º11104071, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **ÊG
KANHGÁG TÏ MÏSINSÊR MÛJ FÊ KÂME VÂSÏ KAR URI KE - AS
DANÇAS TRADICIONAIS KAINGANG: PASSADO E PRESENTE**, com as
devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 11 de março de 2015.

Clarissa Rocha de Melo

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente á Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todo o momento é o maior estre que alguém pode conhecer.

A esta universidade UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), pela oportunidade de fazer o curso; o seu corpo docente, direção, secretaria e estagiários que nos ajudaram nos dando nos confiança e incentivo.

Agradeço á todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação do processo de formação profissional, portanto que se dedicam a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos sem nominar terão o meu eterno agradecimento.

A minha orientadora Clarissa Melo, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus parentes, principalmente a minha querida mãe Ilda Regso Crespo e minhas irmãs, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Meus agradecimentos aos amigos e as amigas, companheiras de trabalho e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presente em minha vida, com certeza.

Ao meu esposo, que nos momento da minha ausência dedicados ao estudo superior sempre fez entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Agradeço aos meus colegas da terminalidade Linguagens, e as etnias Guarani, Xogleng e principalmente a minha etnia Kaingang.

Enfim agradeço a todos que direta ou indiretamente fazem parte da minha formação.

O meu muito obrigado.

TO VÊME SĨ

Venhrá tág vy êg kanhgág to vemén mû. Ti ty eg gufã ag tỹ vỹsa vênhgrin'grén fã tój ke vễ, kar vã kanhgág ag iskora ta Missão Indígena tá gễ hên tu tó sĩ han gễ mữ, ên ki vễ ãg ga ta Guarita/Rio Grande do Sul tu tój mữ gé. Kar vỹ kanhgág ag mỹsin'sér fã uri iskora mĩ; mỹr uri vênh kanhrân fã ag vễ tág tu jykrinkrén mữ nĩ, kar vễ ữ ag ty tu ránja vin'ven mữ gé, êg rá mré, êg vênhgrén fã tu, kanhgág ga kãmî ag tỹ vãsy han fã mré hã, ãg ta ver ữ tỹ tu jykre ãn vễ gé uri ke mré hã, vênhgrén kar tu vãnh kusugsug fã mré hã. Uri kanhgág ag ta iskora tỹvĩn mĩ to vêmén mữnỹ há, kar tá vênhgrén, mỹsin'sér ki gĩr kanhrânran mữ nỹ, Êg ta ãg corpo ki rĩr fã mré hã tu jãn gễ vễ. Mỹr ag tỹ vãsa ta uri ke mré jãg nỹ mré vĩn kỹ êg vỹ ãg cultura ven tĩ, ti tỹ Kanhgág ag iskora ki han mữn kỹ.

RESUMO

Este trabalho está focado nas danças tradicionais Kaingang a partir de uma pesquisa na escola indígena da comunidade Missão Indígena Guarita, localizada no Rio Grande do Sul. A pesquisa trata das danças praticadas atualmente na cultura Kaingang - assim como de seus processos de ensino aprendizagem na escola - , com o intuito de demonstrar como esse aprendizado se dá de modo distinto das danças praticadas no passado. Além dos métodos de aprendizagem, pretende-se mostrar que as danças são percebidas como práticas corporais – um preparo do corpo que se da no dia a dia – todavia, essas atividades, na atualidade, se dão quase exclusivamente no âmbito escolar. Esse processo difere do passado, quando as danças, além de preparar o corpo, estavam atreladas aos rituais praticados na comunidade. Assim, quando se trata de danças tradicionais Kaingang, elas remetem a esse passado histórico que se mistura dança e ritual, ou seja, a dança que evoca elementos da cultura Kaingang, mesmo sua pratica sendo desenvolvida dentro da escola indígena.

SUMÁRIO

Apresentação.....	1
Introdução.....	4
• Capítulo I: Contextualizando a Pesquisa na T.I Guarita e as Danças Tradicionais Kaingang.....	11
1.1 Localizando os Kaingang.....	13
1.2 A Importância da metades para o povo Kaingang.....	13
1.3 As Danças, as Metades e sua Relação com as Pinturas Corporais.....	17
• Capítulo II: A Danças Tradicionais Kaingang e a Escola Indígena.....	20
2.1. Grupo de Dança Cultura Viva.....	25
2.2. Estágio sobre “Danças Tradicionais Kaingang”.....	27
Considerações Finais.....	29
Referências Bibliográficas.....	31
Apêndice.....	33
Anexo.....	37

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa foi realizada entre os meses de Maio a Dezembro, na (T.I) Terra Indígena da Guarita, localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, com a etnia Kaingang.

O assunto investigado neste estudo nasceu da experiência em que passei desde a minha infância – e ainda continuo ouvindo e vivenciando – sobre as danças Kaingang, assim como do estágio realizado sobre a temática¹.

Tomando-me a curiosidade de compreender melhor as nossas danças tradicionais, comecei a pesquisar esse tema que muito me interessa. Desde minha “meninice” eu participei de vários rituais, dançando e pintando o meu corpo com a marca a qual pertencço, ou seja, antes de participar dos rituais, me pintavam com a marca *ra ror*, o *Kanhru*, de cor preta, davam conselhos, e, como era pequena, nem dava muito atenção dos motivos pelos quais eram feitas aqueles passos, gestos e o canto. O importante para mim naquele momento era de estar no meio dos parentes manifestando a minha alegria através das danças e também porque gostava de me enfeitar com a minha marca, pois eu tenho orgulho de estar no meio dos meus parentes queridos.

Até hoje os valores das marcas tribais estão presentes em minha vida, não só na minha, mas na de todos os Kaingang, pois, creio eu, que as marcas tribais são o coração de tudo o que acontece ao redor do mundo Kaingang, é nossa identidade fazendo parte da nossa formação como cidadãos Kaingang, além da língua materna, também muito valorizada pelo meu povo.

Com a minha inserção acadêmica no curso de Licenciatura na UFSC, em várias disciplinas se destacaram temas sobre as práticas corporais Kaingang, principalmente na disciplina de “Infância Indígena” e “Práticas Corporais”², onde fui me aprofundando cada vez mais no meu tema “*Ēg Kanhgág tỹ mỹsinsér mũj fẽ kãme vãsỹ kar uri ke*” que traduzindo para o português significa Práticas Corporais Kaingang existentes no passado e nos dias atuais.

Além da minha inserção na faculdade, o que me instigou para esse tema, foi o

¹ Estágio supervisionado, realizado sobre o tema das danças tradicionais Kaingang no curso de licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica- UFSC.

² Disciplinas ministradas pelas professoras: Antonella Tassinari (Infância Indígena); Suzana Cavalheiro de Jesus (Infância Indígena), e Clarissa Melo (Infância Indígena e Práticas Corporais I e II).

grupo de “Dança Cultura Viva”, um grupo de dança que trabalha com crianças de 8 a 10 anos de idade, na E.E.E.F Davi Rygjo Fernandes. Através das observações nessa escola e, sobretudo em sala de aula, durante meu estágio supervisionado, notei que esse grupo de dança – além de serem em menor número de crianças (com faixa etária entre 8 a 10 anos) – eles costumam interagir em grupo, sentar junto, brincar entre si. Assim, passei a observar essas crianças para perceber a atuação desse coletivo chamado de “cultura viva”.

Além das observações na escola, as entrevistas informais foram muito importantes. Estas foram realizadas com alguns componentes (e ex-componentes) do grupo “Dança Cultura Viva”, e também com professores e mães de alunos que participaram desse grupo nessa escola. A partir das falas dos entrevistados procurei compreender como ocorre a educação escolar indígena atualmente e como é possível pensar outras formas de trabalhar a questão da cultura dentro de uma escola, efetivando uma educação que valorize e leve em conta aquilo que é reflexo dos aprendizados e vivências das crianças Kaingang. Assim, o contexto que estava por se desvendar era a relação entre a dança praticada nesse grupo na atualidade, seus processos de ensino aprendizagem, e as diferenças entre as danças tradicionais praticadas no passado entre os Kaingang.

O que chamou atenção durante a pesquisa foi o fato de que os professores não indígenas não percebem as crianças em suas relações umas com as outras, pois, as crianças Kaingang são provenientes de tradições culturais distintas e que se diferenciam em certos aspectos dos não indígenas. Assim, as danças tradicionais Kaingang dentro desta escola não são valorizadas, portanto, busco a partir dos dados coletados em campo, apresentar uma descrição que revela como um olhar atento para as danças kaingang existentes no passado e nos dias atuais, pode dar subsídios para educação escolar indígena mais atento as populações para as quais se destina, que leve em consideração as crianças pertencentes a diferentes culturas e, sobretudo, as experiências dessas crianças que tem muito a acrescentar no debate que gira em torno da educação escolar indígena.

Pretende-se mostrar as danças praticadas na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rygjo Fernandes, tendo em consideração as vivências das crianças, destacando as relações entre elas e também a escola como lugar de encontro dessas

diferentes formas de educar. Falo também da importância das metades e das pinturas corporais para o povo Kaingang, demonstrando sua importância e relação com as danças tradicionais Kaingang. Nas considerações finais abordo os principais temas discutidos nesta pesquisa, apontando para as descobertas que pude realizar a partir das relações entre os alunos no grupo de dança cultura viva.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo pesquisar as danças tradicionais Kaingang que eram praticados no passado e que ainda acontecem nos dias atuais. No decorrer da pesquisa, percebe-se como ocorre a relação do corpo com o espaço escolar, assim como um ritual: um conjunto de gestos, palavras e formalidades, geralmente imbuídos de um valor simbólico, usualmente, prescrita e codificados por uma religião ou pelas tradições da comunidade³.

Vimos que os rituais são característicos do passado e perduram até os dias atuais. Observando algumas práticas culturais, fiquei mais curiosa de saber sobre o porquê de serem denominadas “danças” e não “rituais”. Eu cresci praticando esse ritual sem compreender por que fazia aqueles gestos, e sabendo que tudo o que fazíamos eram “rituais”. Entretanto, ao realizar a pesquisa de campo percebi que outras questões envolviam a dança tradicional realizada na escola, e chamava-se de ritual. Este, só poderia acontecer com as pessoas da comunidade local e, provavelmente, esse ritual seria no meio do mato, todos deveriam ficar caracterizados conforme a sua marca tribal e o fogo não poderia faltar. As palavras principais só podem ser faladas e cantadas na língua Kaingang, mas, como alguns rituais são realizados na escola, as pessoas que começaram a trabalhar com esse tema (dentro do corpo escolar), optaram por chamar o ritual de “dança”. Desse modo, a “sociedade não indígena” poderia compreender, pois a comunidade escolar é constituída de índios e não índios.

Há também outros aspectos importantes que não acontecem do mesmo modo na escola, exemplo disso, o fogo, que já não é mais aceso e queimado. Assim, na atualidade, esses rituais são chamados de *danças*, pois, hoje são dançados para expressar a nossa alegria em conviver junto com o não indígena, e para agradecer a “mãe terra” por cuidar de nós. São formas, características, de nossa sobrevivência e para mostrar isso, ela é expressa em forma de danças culturais, crenças, costumes, religião, respeito, deveres, valores, enfim, a nossa tradição.

Durante a minha graduação no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, na Universidade Federal de Santa Catarina, durante as aulas de

³ Fonte: <https://astrumargentum.wordpress.com/ritualia/>. Acesso em 15/11/2014.

varias disciplinas, meu tema se destacou. Fiz questão de investigar mais sobre as danças tradicionais durante meu estágio supervisionado. Estagiar com esse tema “danças tradicionais Kaingang”, foi interessante para observar como os adolescentes indígenas Kaingang estão pensando sobre esse fato. Neste período de estágio, houve a minha inserção na comunidade escolar, na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rygjo Fernandes, constituída por várias pessoas, funcionários e educadores indígenas e não indígenas.

Além do meu estágio, também dialoguei com os professores indígenas e os *kófa* – mais velhos da comunidade, diálogos que foram de suma importância para o amadurecimento da minha temática.

A dança faz parte desse aprendizado corporal que se dá desde cedo para nós, o povo Kaingang. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa está focado nas danças. Para nós, o povo Kaingang da TI Guarita do município de Redentora (Rio Grande do Sul), existem vários tipos de danças que os nossos antepassados praticavam, ao mesmo tempo eles não percebiam que estavam realizando tais práticas, pois, era algo que acontecia naturalmente, observando e fazendo junto.

Existiam as danças individuais, que tanto homens quanto mulheres faziam, tal como a *Mén ter fi vënhgrén fã* no caso feminino, e a *Ag tỹ vĩn tỹ vënhgrén fã*, no caso masculino, existiam também as danças coletivas que tanto adultos quanto crianças podiam dançar, que seriam: *Ëg vënhgrin'grén fã rara kar* e o *vënhgrin'grén fã vënhprũn'prũnkỹ*. Além disso, podemos falar da dança do *kiki* em que somente os adultos participavam, como também a *ta tu mỹsér* e a *Vãsãn'sãn gẽ*, também exclusiva dos homens. Assim, a cultura, costumes, enfim, esses conhecimentos são passados de geração em geração, através da tradição oral.

Atualmente, uma boa parte dos Kaingang está trabalhando, prestando serviços na agricultura, saúde e na economia, nos municípios onde vivem, dentro e fora das comunidades indígenas. Em virtude disso – trabalhar conforme os horários dos não indígenas – as danças tradicionais deixam de ser praticadas nas comunidades Kaingang. Com isso algumas pessoas da aldeia, funcionários e lideranças da comunidade de Missão Indígena – que é um dos setores mais antigos da Terra Indígena da Guarita – preocuparam-se, e se reuniram junto com a direção das escolas indígenas para fortalecer a prática da *dança da guerra*.

Esses conhecimentos ainda estão com os nossos *kófa*. Nos dias atuais essa prática de dança somente é desenvolvida na escola com os alunos e com o acompanhamento dos nossos *Kófa* da comunidade. Por este motivo a escola apoiou o levantamento de informações e pesquisas junto com os professores, para revitalizar esses conhecimentos relacionados às danças Kaingang que eram praticados, organizando e socializando junto as nossas lideranças indígenas e com os mais velhos.

Hoje os Kaingang não se preparam mais para guerra, porque não tem mais guerra, mas mesmo assim eles voltaram a praticar a dança da guerra, para ficar com uma memória escrita, praticada e vivenciada pela nova geração. É nesta escola do setor Missão Indígena que nossa pesquisa foi realizada entre os meses de maio à dezembro de 2014, e ela está localizada no setor em que eu resido e onde eu fiz meu estágio tanto do curso do magistério normal como também do curso de Licenciatura.

Essa dança – da guerra – foi escolhida pela escola, professores e alunos, além de contar com o apoio da comunidade e das lideranças, por ser uma dança coletiva, onde todos podem participar, tanto adultos, adolescentes e crianças. O grupo ali apresenta sua bravura através de sua força física e espiritual, sendo a força física representada através de pulos, jeito de andar e lanças, arco e flechas, enquanto a sua força espiritual é representada com o canto e o grito. Essa dança, há tempos atrás era praticada durante a preparação física e emocional para ir à luta, nas guerras, além da pintura do corpo para ir para a guerra. Porém, na atualidade essas danças são realizadas na semana cultural, no “Dia do Índio”, quando recebem visitas de outras escolas e quando tem algumas programações na comunidade, quando são convidados para fazer apresentações fora da aldeia.

Voltando ao meu tema “Danças Tradicionais Kaingang: Passado e presente”, pretendo abordar a partir de uma perspectiva que privilegie aquilo que é vivenciado diretamente na escola e reflete nos corpos das crianças as diferenças que elas possuem, valorizando as suas crenças, costumes e o principal, o seu conhecimento cultural. Todavia, hoje as escolas fazem parte da vida de todos os Kaingang, além disso, são onde as crianças e adolescentes aprendem e onde as mediações acontecem frequentemente com o mundo dos *fog* – não indígenas, porém, hoje a escola vem dando oportunidade de conhecer o mundo dos não indígenas.

Em 2012 realizei meu estágio do magistério normal nesta escola, com as crianças da 3º serie, durante seis meses de estágio. Nesse período, aprendi muito de

como se deve trabalhar a questão da educação escolar indígena. Percebi que os *fóg* separam muito as coisas, principalmente, separando as crianças dos adultos, coisas que nós os Kaingang não fazemos, pois, para nós as crianças sempre tem que andar junto com os adultos, para melhor aprendizagem do conhecimento da vida humana. No ano de 2013 e 2014, também fui bolsista do **Programa de Atividades do PIBID DIVERSIDADE**, Orientações para organização dos temáticos de estudos, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), no Departamento de História. Durante esses dois anos também fiz os estágios do curso de Licenciatura Intercultural do Sul da Mata Atlântica. Todavia, o que me ajudou centralmente na realização de minha pesquisa foi o meu estágio de 2014⁴, pois, foi através dele que pude aprender mais sobre o tema “ritual” e “danças”, trabalhando com os adolescentes⁵.

Além disso, lemos vários textos durante o curso de Licenciatura que nos ajudaram nessa pesquisa. Por exemplo, o texto de Mauss (1974), que demonstra que as práticas corporais estão acontecendo em nosso cotidiano todo o tempo, elas podem ser o jeito como se anda, como se senta, se deita, dança ou se colhe um alimento. Segundo o autor, o corpo é:

... o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. (MAUSS, 1974, p. 407).

Do mesmo modo, no texto de Tassinari (2004), podemos perceber que o processo de identidade e pertencimento da pessoa e de um grupo étnico, pela construção de uma visibilidade do corpo. Vendo isso, podemos constatar aqui que o povo kaingang não fica muito longe disso, porque nós também nos constituímos enquanto um grupo que valoriza a construção corporal assim como do espírito.

Nossos antepassados também tiveram a participação cotidiana e inevitável dos missionários, que promoveu um palco de encontros e confrontos permanentes entre culturas marcadas pelas diferenças nos modos de ser, de pensar, de sentir e de produzir a vida, evidenciadas no corpo, do nascimento à morte, por meio dos rituais de batismo e

⁴ Estágio supervisionado no mês de setembro estará em anexos o projeto e alguns fotos ocorridos.

⁵ No decorrer do trabalho, utilizei as duas palavras: “Rituais” e “Danças”, pois elas têm o mesmo significado, desde que se falando do conceito das danças tradicionais kaingang.

funeral. O conviver com tais diferenças vem promovendo mudanças significativas nas práticas corporais tradicionais por muitos tempos.

Como na minha pesquisa percebi que as pessoas da comunidade local já não estavam mais praticando as danças tradicionais, busquei as informações das danças tradicionais Kaingang nos livros, onde tive a oportunidade de ler o livro *Êg jamên kÿ mĩ*⁶, de autoria de vários indígenas kaingang de vários lugares das áreas indígenas do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Neste livro aparecem textos escritos pelo indígena kanhgág Natalino Góg Crespo, morador da comunidade de Missão indígena do Guarita. São histórias engraçadas, que podem ser contadas para todos os tipos de pessoas tanto adulto e principalmente para as crianças, essas histórias podem ser trabalhadas na sala de aula na disciplina de língua Kaingang. No capítulo intitulado “nossas lutas”, Gelson Vergues Kagrêr da Área Indígena Nonoai conta como os guerreiros kaingang se preparam para a guerra, dos rituais que eles fazem com os remédios antes de se banhar e durante o banho, os tipos de remédios para ser um bom guerreiro. O mesmo conta o fato real que aconteceu entre os Kaingang e Xokleng, destacando de como o bom guerreiro estava preparado, e lutou até vencer, pois ele ouvir os conselhos dados pra ele através do *kofa*, pois, como sabemos, o bom guerreiro deve saber ouvir, saber falar e ser criativo.

Além desse livro também pesquisou-se a dissertação de mestrado da VEIGA (1994), que fala da importância da incorporação do conhecimento das sociedade Jê, sobre os Kaingang e Xokleng, tratando de sua organização social.

(...) a instituição das subdivisões foi a maneira que os Kaingáng encontraram para incorporar os filhos de pais não-Kaingáng ao seu esquema cosmológico de metades opostas e complementares, marcando, no entanto, uma discreta hierarquia entre os descendentes diretos dos pais ancestrais **KAMÊ**) e **KAIRU**) e os descendentes de homens incorporados à sociedade Kaingáng por aliança ou como cativos de guerra... (VEIGA 1994:70).

A mesma enfatiza a questão dos rituais em sua tese de doutorado (2000):

O estudo dos três rituais “*O ritual de purificação dos viúvos*”, “*A festa do Kikikoi*” e a “*A festa do Kuiâ ou a festa do*

⁶ Sales Vyjkág; Mũrenh; ET ALL. *Êg jamên kÿ mĩ*. 1997.

mastro”, mencionados permitem perceber que a cosmologia Kaingang está sustentada em símbolos multi-referenciais que se recobrem. Esses rituais podem ser considerados como pertencentes a um mesmo ciclo que se partiu, visto que cada comunidade Kaingang conserva mais um ritual que outro, ou como desenvolvimento de tradições diversas, que expressam uma simbologia compartilhada: a vida na terra é dependente do destino dos mortos porque a sociedade dos vivos é eternamente recriada pelos ancestrais mortos; nossos troncos, nossos antigos. (VEIGA, 2000, p. 15)

Além disso, foram feitas as entrevistas com as pessoas da comunidade local:

- O professor Leonides Fag Sênh Leopoldio índio Kaingang, 30 anos de idade, pertencente a marca *kanhru*, “*ra ror*”, marca redonda ou fechada. Hoje ele é o professor do grupo de Dança Cultura Viva e da aula para o currículo da Escola E. E. F Davi Rygjo Fernandes.
- O professor Joãozinho Kunyn Marcolino com 54 anos de idade, pertencente a metade *Kanhru*, “*ra ror*”, marca cumprida ou aberta. Ele da aula de Artes, Artesanato e Técnicas agrícola para séries finais e faz parte do CPM (Conselho de Pais e Mestres), da Escola E. E. F Davi Rygjo Fernandes.
- A dona de casa, Ilda Regso Crespo com anos de idades, marca *Kamẽ* “*ra téj*”, moradora da Missão Indígena e merendeira da Escola E. E. F Davi Rygjo Fernandes.
- A dona de casa Josenia Goj Téj Crespo com 20 anos de idade, da marca *Kanhru*, “*ra ror*” e ex - participante do grupo de Dança Cultura Viva.
- O adolescente Lucas Camargo com 12 anos de idade, marca *Kamẽ* “*ra téj*”, aluno e ex - participante do grupo de Dança Cultura Viva.
- Os componentes do grupo de Dança Cultura Viva: o Junior Vicente com 10 anos de idade da marca *kamẽ* “*ra téj*” e a Milene Candido de 10 anos de idade, da marca *Kanhru* “*ra ror*”.

As entrevistas foram feitas na língua materna, fiz questão de fazer e escrever em nossa língua, no Kaingang, valorizando a língua falada, assegurando e fortalecendo a nossa própria identidade. Com isso, algumas citações das entrevistas serão escritas em Kaingang, logo, será explicada em Português, no caso a leitura vai ser bilíngue.

Para melhor esclarecimento do tema, apresento o resumo dos capítulos:

No Capítulo I, intitulado: *Contextualizando a pesquisa na TI Guarita e as danças Kaingang*, trabalhou-se a extensão territorial da Terra Indígena do Guarita e da localizando a Missão Indígena que é uma das comunidades da T.I Guarita, onde ela é uma das maiores em extensão territorial. Também trato da importância das metades para o povo Kaingang, as marcas *Kamẽ* e *Kanhru*, que são de suma importância para o acontecimento das danças/rituais kaingang. Não apenas nas danças, mas também onde acontecem os casamentos – sendo que *kamẽ* pode casar somente com *kanhru* ou vice versa. Assim, o respeito com nossas marcas sempre irá permanecer vivo dentro da comunidade kaingang.

Nesse mesmo capítulo também desenvolvo sobre as metades e sua relação com as pinturas corporais, pois para cada metade tribal que possuímos, temos uma cor distinta, onde acontecem as pinturas corporais: marca do *kamẽ* possui pintura de riscos e pintada de vermelho e a marca *kanhru* de círculos e com a cor preta. Além disso, a pintura corporal Kaingang até hoje é usada especificamente para identificação das marcas, indicando sua representação simbólica, relacionadas com a natureza e com o espírito. Todavia, quando se faz o ritual dos mortos, a dança do *kiki*, ela troca de cor – o *kamẽ* passa a cor para o *kanhru* e vice versa, assim, em virtude disso, não podemos falar das danças Kaingang sem falar das metades e da importância das cores, pois cada indivíduo Kaingang tem conhecimento e a consciência das consequências de cada dança praticada.

No Capítulo II, intitulado *a práticas corporais e a escola indígena*, descrevo algumas práticas corporais que estão acontecendo na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rygjo Fernandes, pertence ao município de Redentora. Nesta parte, faço observações, e analiso como está o RCNEI – Referencial Curricular para as escolas Indígenas e busco perceber como acontecem as práticas corporais dentro da escola indígena, pontuando os projetos que estão dando certo nessa escola.

Sabemos que na atualidade as escolas fazem parte da vida de todos, tanto os indígenas em geral e dos não indígenas, cuja valorização da cultura deve ser observada dentro das escolas, ou seja, cada vez mais a identidade, costumes e crenças devem estar presentes, sem deixar de falar do “mundo dos brancos”, o mundo ao redor das comunidades indígenas. Nesse sentido, no decorrer do texto, também apresento as experiências de estagiar nessa escola, descrevendo como foi o jeito de trabalhar o tema das danças, crenças para os envolvidos na proposta.

CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA NA T.I GUARITA E AS DANÇAS TRADICIONAIS KAINGANG

Neste item apresento onde foi realizada a pesquisa, dados sobre os Kaingang e como ocorre a relação entre a comunidade e a escola, e também explico como ocorre a relação das marcas e pintura com a dança.

A T.I da Guarita está localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul e tem aproximadamente 24.000 de hectares, abrangendo os municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco com aproximadamente 7.000 indígenas. Desse total, a maioria é indígenas Kaingang, havendo também duas aldeias Guarani. A T.I Guarita esta dividida em 16 setores/linhas/aldeias⁷. O setor Missão Indígena pertence ao município de Redentora - RS e tem aproximadamente 4.400 hectares. Esta comunidade é uma das maiores em extensão territorial, tendo uns setores maiores e outros menores, com a população de 770 pessoas, onde todos são indígenas Kaingang⁸.

A Reserva Indígena de Guarita, demarcada com cerca de 23 mil hectares, abriga o maior contingente de população Kaingang (cerca de 7 mil pessoas, de uma população total Kaingang de 30 mil pessoas⁹).

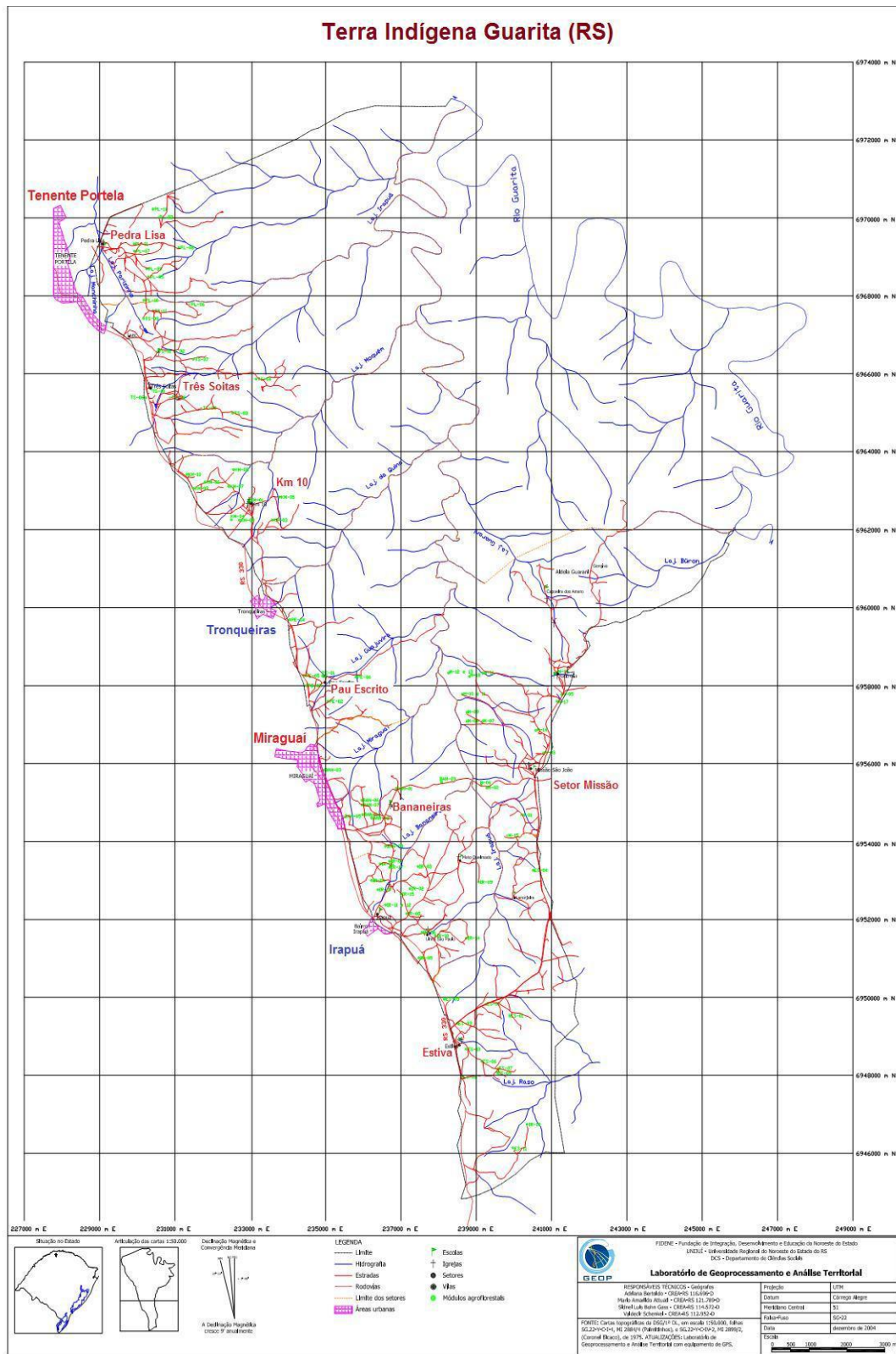
O aldeamento da T.I Guarita criado em 1854, havendo desde então pressão da sociedade envolvente sobre o modo tradicional de vida indígena e o seu meio ambiente. A delimitação de quase 24 mil hectares do território atual em 1911 e a sua demarcação em 1918 ocorreu quando as demais terras da região tradicionalmente ocupada pelos índios para caça e coleta foram liberadas para empresas de colonização. A partir da década de 40 empresas e madeireiros desmataram a região e as terras posteriormente foram utilizadas para

⁷ Esta palavra “setores” também pode ser grafada da seguinte forma: “setor/linhas/aldeias/comunidade”. Hoje a T.I da Guarita contem 17 setores, pois, o setor da Gengibre foi dividida em dois lugar, mas no papel ainda tem 16 setores, daí ficou Gengibre e Capoeira dos Amaros, essa é a aldeia do Guarani, mas que pertencem a T.I da Guarita.

⁸ Fonte: site da FUNAI, 2014, acessado em 21/02/2014.

⁹ Fonte: http://www.portalkaingang.org/index_guarita.htm. Acesso 08/10/2014.

agricultura intensiva, prática que se estendeu à área demarcada. (MENEGOLLA, 2006, p. 396)



1.1 LOCALIZANDO OS KAINGANG

Os Kaingang são filiados ao tronco linguístico Macro-jê, estamos distribuídos atualmente em mais de 30 terras indígenas localizadas nos estados de: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Tommasino & Fernandes, 2003). Ao todo somam em torno de 33.566 indivíduos.¹¹

Mesmo antes da intensificação do contato com os *fóg*, já existiam variações culturais e linguísticas entre grupos que ocupavam um território tão extenso. O nosso modo de vida foi fundamentalmente alterado em relação ao que era no passado. Com a instalação da agência indigenista oficial do governo, boa parte de nosso povo enfrentou muitas dificuldades. Os agentes governamentais tratavam ativamente de mudar o nosso modo de vida através da proibição de rituais e de deixar-nos monolíngue, apenas com o domínio da Língua Portuguesa. Em algumas áreas já existem casos de abandono do uso da Língua indígena – principalmente por parte dos mais jovens –, além do desconhecimento dos rituais Kaingang.

Como no passado, hoje ainda outro fato que impede a manifestação de nossos rituais ou de danças tradicionais é a religião, pois, muitos Kaingang são crentes de diferentes denominações. Os crentes foram proibidos de praticar vários rituais pois a igreja alega que é pecado, ou que são “coisas do diabo”, ou seja, a religião atual é um obstáculo à prática dos rituais.

Hoje, boa parte de nós Kaingang prestamos serviços como trabalhadores rurais nos municípios vizinhos, além de trabalhar como funcionários do Município e Governo Estadual.

1.2. A IMPORTÂNCIA DAS METADES PARA O POVO KAINGANG

Podemos definir que a metade tribal é o coração de tudo o que acontece com o povo, pois, além da língua, a metade tribal é nossa identidade e que também fazem parte da nossa formação como cidadãos Kaingang, através dela provocando o processo

¹⁰ Mapa da T.I guarita no site: http://www.portalkaingang.org/index_guarita.htm. Acesso 08/10/2014.

¹¹ Fonte: FUNASA, 2008.

espiritual, cognitivo e ritualístico. Assim como NÖTZOLD (2006), também confirma essa explicação:

(...) Segundo a tradição kaingáng, seu povo teve origem com dois irmãos que saíram do interior da terra, kamê e kairu, cada um deles com características e personalidades diferentes, sendo assim, ambos se complementam. Esses irmãos possuem no corpo marcas que os diferenciam, kamê é representado por traços verticais e paralelos, e kairu, por círculos. Como todos os kaingág descendem de kamê e kairu, as marcas que lhe são peculiares ainda são observadas em nossos dias entre os kaingág. Ainda segundo a cultura desses indígenas, os casamentos devem ser realizados unindo membros da metade kamê aos kairu, ou vice-versa. (NÖTZOLD, 2006 p. 10).

Na cultura Kaingang as metades tribais são fundamentais nos rituais, que hoje são chamados de danças. Nas danças, nas festas tradicionais, casamentos, dança da guerra, essas marcas são identificadas nas pessoas, plantas e animais, segundo o nosso conhecimento e dos fatos reais da cultura Kaingang. Assim, também nos conhecimentos dos nossos velhos da comunidade como uma forma de se organizar socialmente, onde a pessoa sabendo da sua marca reconhece de quem tem que cuidar, além de saber os tipos de ervas medicinais que ela pode retirar do mato e como preparar, e que tipo de animais ela pode caçar. As duas marcas se completam, sem excluir ninguém. Assim, conforme Tommasino & Fernandes (2003):

A organização social dos Kaingang é fundamental em uma concepção sociocêntrica da sociedade, reconhecendo princípios sociocosmológicos dualistas, constituído por um sistema de metades exogâmicas e patrilinear. Esta divisão dual, característica dos grupos Jê apresenta de maneira central na organização social e cosmológica dos Kaingang, operando uma série de mecanismo que possibilitam por meio dessa divisão, a classificação dos seres e do mundo, bem como, das regras de conduta que devem nortear as relações entre os homens (Tommasino & Fernandes, 2003).

Podemos, ver que o povo Kaingang está separado em duas partes, que são as metades simbolizadas por marcas, assim, *ratéj* que é a marca comprida se chama *kamê* e o *ra ror* que é a marca redonda se chama *kanhru*, eles são irmãos inseparáveis, mas como metade tribais eles são os cunhados, sogro, metades que não vivem uma sem a outra . Além disso, estas metades ao mesmo tempo em que cria e organiza o mundo indígena Kaingang, estabelece um equilíbrio entre as famílias Kaingang, fazendo com que o *kamê* e *kanhru* se completem. Sendo que além de diferenciar a sociedade em metades, ela também divide a natureza.

...Régre inh prũ fi tỹ nogror nĩ, hãra ã prũ fi ne ke nĩ gé mẽ, muny ãg grã tỹ mun'mur kỹ jagnẽ mré vĩn gé. Jamré inh su tỹ ta ti ky, javo ã tỹ ta fi ja nĩnkỹ, myr ãg tỹ jagnẽ vin ve tĩ kurẽ kar ki, mỹr ãg tỹ ỹn tỹ ẽg ỹn kafã tá gẽ ẽn hã mré vãy prũg gẽ nĩ. Tagki ẽg jamã ki régrẽ, my, jamré, ãg vỹ ki rĩr ki ver...(Joãozinho Kunyn Marcolino, setor de Missão Indígena T.I Guarita - RS, 2014).

Segundo o entrevistado Joãozinho Kunyn Marcolino, quando a mulher está grávida seu marido vai tratar do casamento antes do seu filho nascer, ele sabendo da sua marca, se é *kamê* ou *kanhru*, ele já sabe qual marca o seu filho pode se casar. Pois, na nossa cultura, ou seja, na cultura kaingang, o *kamê* só pode casar com *kanhu* ou vice-versa. Mas além de tudo isso, o casamento acontece desde que os pais são bem vistos pela comunidade, na qual a família escolhida passa também a ter responsabilidade de educar essa criança/pessoa, os laços familiares entre os Kaingang ainda são muito forte.

Nessa comunidade de Missão Indígena podemos ver que houve mudanças, mas as pessoas ainda respeitam as marcas, ou seja, houve várias mudanças, mas ainda é respeitada a questão das marcas tribais, hoje as moças, rapazes já podem escolher sua esposa (o), mas quem determina se vai casar são os pais, mesmo os adolescentes namorando escondido, pois, se os pais souberem eles fazem eles se casarem.

Nesse sentido, podemos observar que tudo está ligado às metades, não só no casamento, também durante as danças tradicionais. Como já vimos que as danças são também rituais:

...Gĩr gré ag kãsir kã, ti tỹ prỹg tỹ 5 anos kar ag tỹ 8 anos kã ag tỹ vẽnhrén gé ag vovo vã ỹn konẽg tu jãn tĩ, ỹn gré ag vẽ kanhin'nhir mũr tĩ, ti vovo tỹ ag kajrãn kar. Javo gĩr tátá fi tỹ prỹg 5 kar 7 anos kã fi vã kurẽ kar ki hyn han tĩ, fag rẽnhrẽj tĩ, kar ỹn tátá fi vy fi vóvó fi, fi pãnh ti mỹnh fi vẽ fi kajrãn mũr, gĩr tátá fi prãg vỹ konẽg nĩ, mỹr fi vẽ kurẽ kar ki ke tĩ, javo gĩr gré ti vỹ ti tỹ ke kar kanhir tĩ ti...(Ilda Regso Crespo, Setor Missão Indígena T.I do Guarita - RS, 2014)

Segundo a entrevistada Ilda Regso Crespo, o ritual Kaingang ela é varias, mas a duas especiais que todos participam tanto na fase de criança como na fase de adulto, são elas:

1º ritual de dança (criança)

No caso dos meninos, para participar da dança é preciso ter no mínimo 5 anos de idade e no máximo 8 anos de idade, que perfaz a idade em que eles participam de alguns rituais. Sendo que o ritual da caça é o primeiro destes, onde o avô paterno é quem faz o

ritual, o menino vai caçar pela primeira, seu avô faz as rezas para ele, quando ele caçar traz a caça para o avô, que faz rezas cantadas e consome a primeira caça do seu neto, esse ritual é para que o caçador seja sempre bem sucedido.

Já as meninas também devem ter no mínimo 5 anos, mas no máximo 7anos de idade para participar do grupo de dança. Idade que ela participa do primeiro ritual, que é a primeira coleta de comidas típicas, que é ensinada e feita pela avó paterna. A criança realmente se aproxima mais das mulheres mais velhas da comunidade, mas sempre acompanhada da sua avó paterna. A menina vai junto com a vó no mato, e na caminhada a vó vai caminhando e fazendo rezas com os espíritos da mata, pedindo permissão para retirar a comida e apresentando a menina, para que ela possa também colher os alimentos ali, e depois prepara, aí ela permanece no lugar, esperando os elogios e as críticas, onde ela ainda deveria melhorar e os cuidados que deve ter. quem ajuda a menina no seu primeiro ritual é a sua avó paterna.

2º ritual de dança (fase adulta)

Esse ritual ou dança que está relacionado à fase adulta, acontece quando os homens se banham com ervas e falam com o espírito do mato, animais, conversam com a erva antes de cortá-la. Atualmente eles fazem nas Sexta-Feira Santa em um dia muito frio. Homens não podiam deixar a mulher deitar nos seus braços porque o espírito dela é forte e ele vai passar então a sua força e energia pra ela. Depois de ter participado dos banhos da erva, o kujá os manda levantarem e que comecem a lutar uns com outros, mas da sua mesma marca (metade), cada qual com sua marca, respeitando a sua marca oposta. Já o ritual feminino ocorre quando as mulheres estão menstruadas, elas não podem passar por cima do seu marido quando estiverem deitados, porque ela está impura, porque o espírito dela rouba a força dele.

Em um ritual a mulher é a única que pode pintar o corpo dos participantes do ritual, a mulher Kamé pinta o corpo dos kanhru, enquanto a mulher da marca kanhru pinta o corpo dos participantes Kamé, hoje em dia esta prática já não é mais utilizada, alguns homens pintam também. Já na fase adulta, a mulher e o homem podem participar de todos os tipos de rituais, tanto coletivos como os individuais, pois eles estão preparados fisicamente e espiritualmente.

1.3. AS DANÇAS, AS METADES E SUA RELAÇÃO COM AS PINTURAS CORPORAIS

Cada metade possui uma pintura corporal distinta, a marca do *kamê* possui pintura de riscos e é pintada de vermelho, e a dos *kanhru*, são círculos e com a cor preta. Segundo a nossa tradição, os filhos ficam com a marca do pai. Ambos os sexos, tanto a menina quanto o menino irão pertencer a metade do pai, sendo que a metade tribal Kaingang é definida pela patrilinearidade.

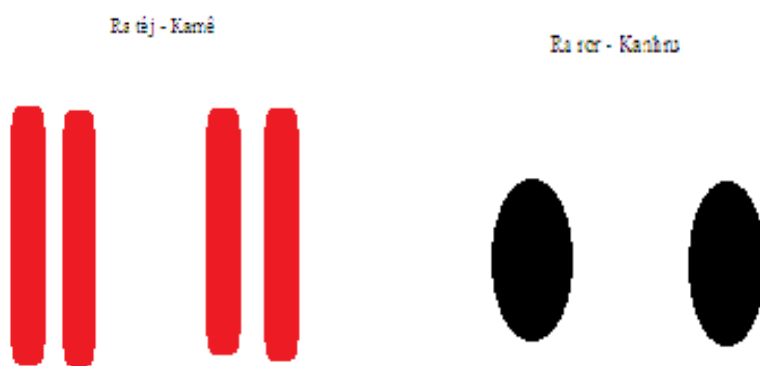


Figura 2: representação das pinturas das metades tribais Kaingang.¹²

Com passar do tempo o povo Kaingang foi aperfeiçoando as marcas, elas foram se modernizando sem perder o sentido e suas características. Hoje, representando através dos grafismos - na qual faz parte do artesanato Kaingang, e nas pinturas corporais - representando nossas marcas tribais - as pinturas corporais (utilizadas em danças rituais) podem ser observadas principalmente nos artesanatos. Quando pintada no corpo da pessoa, ela passa a ser uma arte de linguagem, onde se visualizam as marcas visíveis, uma representação visual específica da cultura Kaingang, sendo o *kamê* com a cor vermelha e o *kanhru* com a cor preta, também significando as cores tradicionais Kaingang.

A pintura corporal Kaingang é usada especificamente para identificação da sua marca, indicando sua representação simbólica, relacionadas com a natureza e com o espírito.

¹² As pinturas das metades, feito por mim, Claciane Rinenh Crespo no word point, no dia 11 de junho de 2014.

Resumindo um conto que a minha mãe me contava que essas marcas *kamê* e *kanhru* surgiram quando uma índia Kaingang estava grávida de gêmeos e quando foi dar a luz, o que nasceu primeiro, nasceu á noite sendo esse *kanhru* levando consigo as cores da noite, o preto, também levou a marca arredondada, pois fazia lua cheia na noite em que nasceu, o outro menino demorou muito para nascer, quando nasceu o dia já estava clareando e trazendo consigo a cor vermelha, esse por sua vez era *kamê*, por esse motivo traz a marca como um risco na horizontal. Esse é um conto que eu adorava escutar, imaginando o porquê das cores que me pintavam ao participar das danças culturais.

Assim como na nossa cultura existem várias histórias sobre as pinturas corporais NÖTZOLD (2003), nos afirma:

(...) todos os Kaingáng consideram o ritual do Kiki um elemento da tradição e dos mais antigos da comunidade. Atualmente são raros os rituais de Kiki nas comunidades Kaingáng, pois para realizá-los é necessária uma série de condições, especialmente os Kuiã (rezadores tradicionais) e mortos das duas metades clônicas. No entanto, na escola os professores e alunos estudam e aprendem sobre o ritual (NÖTZOLD, 2003).

Sabemos que tudo o que era realizado pelo povo Kaingáng no passado fazia parte da cultura de nosso povo, como se fosse hoje tudo o que homem realiza é uma cultura, o nosso modo de viver hoje é uma cultura, o modo de trabalhar, a religião e tudo é a nossa cultura hoje, mas hoje estamos adotados outros sistemas, onde que trazido por outros povos. Então no passado a religião própria do povo Kaingáng era o *Kiki*, e também outras festas que se realizavam na comunidade que era a cultura do povo Kaingáng; tinha todo um processo par se realizado esta festa, e que o povo acreditava muito nisso, nessa religião o modo de preparação da festa, ou então ritual do *Kiki*. (Professores Kaingáng, Oficina Pedagógica, 2011, mimeo).

O respeito aos mortos e aos bens culturais fica evidente no cotidiano. Toda vez que se visita o cemitério, há que se passar pelo mato, para que os espíritos não acompanhem a pessoa e fique entre as árvores, de maneira a não influenciar a vida daquele que visitou o cemitério. Costume e tradição conhecido e respeitado por todos na aldeia. Na escola, os professores reforçam os ensinamentos passados pelos mais velhos nas famílias. Não se mostra abertamente. *Kamé* e *kanhru* representam a origem do povo Kaingang – são as metades antagônicas /exogâmicas.

(...) Os *Kamés* estão relacionados ao sol, a persistência, a permanência, à dureza e aos lugares baixos e objetos longos. Os *kairu* estão relacionados à lua, ao orvalho, à umidade, à

mudança, à agilidade, a lugares altos e a objetos baixos (...)
(VEIGA, 1994).

Assim, podemos dizer que a arte da dança historicamente é integrante da cultura kaingang sendo uma expressão corporal do conhecimento do modo de se relacionar com elementos do meio. Tradicionalmente é uma atividade de caráter ritual, cuja, simbolicamente a dança é uma maneira de caracterizar a identidade das pessoas, é como um selo que diferencia culturalmente um grupo de outro.



Figura 3: Grafismo Kaingang¹³.

O povo Kaingang, mesmo antes da intensidade do contato com os não indígenas, certamente já possuía enormes variações culturais e linguísticas entre eles. Porém, mesmo com a relação com a sociedade envolvente os povos indígenas não deixaram de realizar as suas práticas culturais, rituais e as suas crenças. As suas crenças são estabelecidos na maior parte dos povos indígenas Kaingang, como explica a seguir o professor *FágSénh*:

...Vãsy ti sĩ ag, ag tỹ vẽnhrin'grén kỹ ag vẽn nãn kã tá kej mĩr tĩ, Kófa ag vãn han tĩ, kujá ke ẽg tĩ ag tu, kamẽ ag vẽn kẽ mĩr vén tĩ, ag nón kanhru ag tỹgtỹnh kar vãkyn kẽ mĩr tĩ.. (educador Leonides Fag Sénh Leopordino).

Segundo o professor entrevistado, antigamente o ritual era desenvolvido no mato e o fogo não podia faltar, quem conduzia o ritual eram os velhos da comunidade, os rituais eram acompanhado os cantos conduzido pelo kujá líder da comunidade. Porém, quem começava todos os rituais coletivos, eram as metades tribais *kamẽ*, pois, ele é quem chamam e falam com os espíritos, são bem fortes e eles dançam com os armamentos, enquanto, a metade tribal *kanhru* eles entram com a alegria, através de

¹³ Grafismo Kaingang, desenhado no word point, pela Claciane Rinenh Crespo no dia 11/06/2014.

instrumentos musicais (chocalho: feito com porunga e flauta: feita de taquara) e canto que contagiam o seu povo.

Atualmente todos os costumes, rituais, crenças estão sendo valorizados pela escola juntamente com alunos e professores os conhecimentos dos nossos *kofá*, para com o passar do tempo isso não fique somente na história, mas também fique registrado, para que futuramente seja lembrado. Assim o ritual é desenvolvido nas escolas indígenas, disponibilizando informações sobre aspectos que estão diretamente relacionados aos costumes, demonstrado através das danças "rituais" junto com os alunos. A pesquisa sobre as danças tradicionais kaingang é realizada oralmente com os velhos sábios das comunidades, que ensinam alguns valores da dança tradicional, diferenciando-a da dança da sociedade envolvente.

CAPÍTULO 2: AS DANÇAS TRADICIONAIS KAINGANG E A ESCOLA INDÍGENA

Na região Da T.I da Guarita - RS, hoje estão funcionando regularmente 11 escolas indígenas Kaingang e uma escola Guarani. O estado apoia as comunidades escolares indígenas na valorização da cultura na educação escolar, inclusive o saber relacionado às danças tradicionais.

Destas 12 escolas indígenas, escolhemos a escola da Missão Indígena, a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamenta Davi Rygjo Fernandes, na qual as ações em prol da educação escolar indígena estão acontecendo. Além disso, foi nessa escola que fiz os meus estágios de estudos.

A E.E.I.E.F. Davi Rygjo Fernandes pertence ao Estado do Rio Grande do Sul e esta localizada no município de Redentora, e está voltada para os valores da cultura de sua comunidade, orientada para respeitar as peculiaridades da língua materna. Hoje esta escola atende a Educação infantil que é de responsabilidade do município, e o Ensino Fundamental mantido pelo Estado, possuindo 17 turmas e aproximadamente 290 alunos matriculados e 270 alunos frequentando regularmente as aulas, ela conta com vinte e seis professores e cinco funcionários indígenas, sendo que entre o professores, há cinco profissionais indígenas que atuam nos anos iniciais.

A escola Davi Rygjo Fernandes oferece as seguintes turmas em 3 períodos distintos:

Manhã	4º ano A e B	5º ano A e B	6º ano A	6º ano B	7º ano A	7º ano B	8º ano A e B	9º ano
Tarde	Educação Infantil	1º ano	2º ano A	2º ano B	3º ano A	3º ano B	4º ano B	
Noite	3º e 4º totalidades (EJA) educação de jovens e adultos,	5º e 6º totalidades (EJA) educação de jovens e adultos						

Figura 4: distribuição das turmas na E.E.I.E.F. Davi Rygjo Fernandes.

A educação infantil funciona no turno da tarde, com a prática da Língua Portuguesa através da oralidade. Já no 1º ano do Ensino Fundamental é trabalhada a escrita em Língua portuguesa e a oralidade na Língua Kaingang. O currículo de 2º ao 3º anos do mesmo funciona no turno da tarde, e oferece as disciplinas de Língua Kaingang, português, matemática, ciências, geografia, educação física e artes. Do 4º ao 6º ano do Fundamental, são oferecidas as disciplinas de Língua Portuguesa, matemática, história, geografia, ciência, educação física, artes, valores culturais e a língua Kaingang. Enquanto do 7º ao 9º ano são trabalhadas as disciplinas de português, matemática, história, geografia, ciências, inglês, educação física, valores culturais, artesanato, artes, técnica agrícola e língua Kaingang. Enquanto no turno da noite, os alunos da educação de jovens e adultos (EJA) têm as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Kaingang, matemática, ciências, valores culturais, artesanato, artes e educação física.

Os horários são bem rígidos, o tempo de cada aula é de 45 minutos, os espaços das salas de aula é basicamente a mesma de escola do *fóg*, tendo, 8 salas de aula, uma sala dos professores, a mesma é uma biblioteca repartida no meio com uma salinha de computadores, uma sala da direção, 3 banheiros um masculino, outro feminino e o terceiro fica na sala da direção que seria o banheiro dos professores e uma cozinha. Na frente da escola tem uma pracinha, onde ficam estacionados os carros dos professores e funcionários da escola.

No Projeto Político Pedagógico está formulado que todas as disciplinas devem ser trabalhadas na cultura Kaingang. Esta decisão relaciona-se com o direito assegurado na Constituição Federal de 1988, no artigo 231, dizendo que “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam”. O mesmo tratando da “educação, cultura e desporto”, defendida também pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/1996), que reconhece o direito das populações indígenas à educação específica. Neste caso, recorremos aos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, o RCNEI.

Contudo, podemos ver que ultimamente a escola indígena vem mudando o seu jeito de trabalhar na disciplina de Educação física, usando e ensinando os seus próprios jogos e brincadeiras da cultura. A disciplina Educação Física vem adquirindo o seu espaço desde 1998, quando MEC publicou o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998) com o objetivo de orientar os projetos direcionados às escolas indígenas, levando em conta a participação das comunidades locais, realizando reuniões com professores e pais de alunos e demais pessoas da comunidade, discutindo assuntos voltados aos alunos e o que se deve ser trabalhados na cultura indígena, conteúdos que envolvem elementos a respeito do lúdico, expressão e linguagem corporal.

Dessa forma, essa escola está fornecendo e trabalhando muito a questão da educação física, onde a escola tem um projeto de grupo de dança chamado **Cultura Viva**, na qual o professor do grupo trabalha a questão do cuidado do corpo, as responsabilidades que ele deve ter com o alimento - os *kovênh*¹⁴. Além disso, trata dos cuidados com os tipos de remédio que a pessoa deve se banhar para ter um bom desempenho na dança, onde também o professor ensina principalmente o significado das pinturas e dos movimentos praticados na dança.

Centradas em sua maioria nas aulas de educação física os ensaios que antecedem as apresentações de dança que acontecem nos eventos da comunidade escolar e fora dela, em outros momentos. A aula de educação física nessa escola é dada pelo professor

¹⁴ Kovênh- são alimentos que não podem ser consumido, considerados na nossa cultura pecado alimentar, onde, se consumido se uma forma errada depois vem as consequências, alguns exemplos dos pecados alimentares ou Tabus alimentares: o pé da galinha- não se pode comer porque fica fácil de torcer o pé, a cabeça do peixe não se pode comer porque quando se mata os peixe eles dão pauladas na cabeça dele, ou seja se a pessoa comer, quando ela brigar com outra pessoa será mais fácil do outro acertar a cabeça dessa pessoa.

não indígena, e é um momento de grande excitação. Já o professor indígena Leonides Fag Sénh Leopoldino trabalha com o grupo de danças culturais na escola.

Gĩr ag vã inh kajrân kã, classe kar kri nĩ fã ta rajraj ke tĩ ãg tỹ iskora kãki kej gẽj gẽn kỹ, mỹr ag vẽ nén ỹr tu jygringrén ke mũr. (Leonides Fag Sénh Leopoldino)

Segundo o professor Leonides Fag Sénh Leopoldino, quando as danças acontecem dentro da escola, os alunos afastam as mesas e cadeiras e liberam espaços para poderem dançar, e são atentos aos valores culturais.

Nesse sentido, o RCNEI também apoia esse movimento, no sentido de orientar a prática pedagógica das professoras que trabalham com os alunos nas escolas indígenas, concedendo o movimento como uma forma de linguagem que se manifesta sobre as diferentes formas de expressão, valorizando a cultura e as relações sociais como fatores que interferem na formação de práticas e significados do movimento corporal pelos alunos. Buscando valorização e possibilitando expressões que podem ser levadas às escolas em forma de projetos, fazendo as ideais em ações que poderão mudar o processo pedagógico nas escolas, principalmente nas escolas indígenas.

A educação escolar indígena no Brasil vem obtendo, desde a década de 70, avanços significativos no que diz respeito à legislação que a regula. Se existem hoje leis bastante favoráveis quanto ao reconhecimento da necessidade de uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas, na prática, entretanto, há enormes conflitos e contradições a serem superados. Este documento foi escrito na expectativa de que possa contribuir para diminuir a distância entre o discurso legal e as ações efetivamente postas em prática nas salas de aula das escolas indígenas. (Brasil, 1998, p.11)

Além disso, o RCNEI incentiva a interdisciplinaridade em as diversas disciplinas e temas. Exemplo disso, a ideia de que o professor de educação física não precisa trabalhar exclusivamente jogos, mas também brincadeiras, danças e outras praticam corporais próprias de cada cultura.

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural. O resultado são valores, concepções e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e formulados a partir de pesquisa e reflexões originais. Observar, experimentar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a esses povos a produção de ricos

acervos de informação e reflexões sobre a Natureza, sobre a vida social e sobre os mistérios da existência humana. Desenvolveram uma atitude de investigação científica, procurando estabelecer um ordenamento do mundo natural que serve para classificar os diversos elementos. Esse fundamento implica necessariamente pensar a escola a partir das concepções indígenas do mundo e do homem e das formas de organização social, política, cultural, econômica e religiosa desses povos...(BRASIL, 1998, p. 22)

Faz-se necessário a ampliação dos currículos que permeiam a formação dos profissionais de ambas as áreas para que o desenvolvimento integral da criança seja de fato contemplado, objetivando a formação do humano no mais alto nível de desenvolvimento possível e tendo por referência o avanço de seu pensamento.

Somado a essas reflexões, durante o meu estágio de magistério e agora no estágio da Licenciatura Intercultural Indígena observei que os professores acompanham o desenvolvimento das crianças fazendo suas anotações a qual possibilitam fazer o parecer descritivo individuais das crianças. Assim, percebe-se que nos últimos anos os indígenas estão se esforçando para colocar em prática as leis que garantem as políticas públicas voltadas para a educação indígena, mas não só a escola, a própria comunidade da aldeia Kaingang que passa a construir não só na teoria, mas também na práticas, um exemplo dessas pratica corporais nessa escola é a semana cultural, que ocorre durante o primeiro semestre, onde todos ensaiam as apresentações de dança tradicionais.

A semana cultural é realizada na semana do Dia do Índio, mas que envolve as atividades escolares desde o começo das aulas, no caso no mês de março, com a participação da liderança, professores, funcionários e os alunos da escola, e claro os pais e pessoas da comunidade local não podem faltar, eles se disponibilizam para os preparativos para a festa.

As aulas durante o mês de março são envolvidas em torno dos preparativos para a semana cultural, pois, a maior parte das aulas são destinadas aos ensaios das danças que são apresentadas para todas as comunidades. Os educadores indígenas e não indígenas ensaiam com os alunos alguns danças que são:

- Gĩr vẽnhrén fã -Dança da criança
- Nãn gã, Nãn tãn- Dança da selva
- No tu jãn- Dança da flecha
- Ëg vẽnhrin'grén fã rara kar- Dança da guerra

Nesse tempo eles também confeccionam os instrumentos musicais, o mais usado é o chocalho, pois sempre faz parte nas apresentações de danças. Além disso, são feito os cocares, colares, arcos, flechas, lanças.

As atividades vão desde apresentações de danças, cantos e contos da cultura Kaingang até palestras sobre a questão da luta pela terra, além dos direitos a educação indígena. Conta-se sempre com a participação dos nossos Kófa e lideranças indígenas e lideranças não indígenas. Os pais sempre aproveitam para vender seus artesanatos como, balaio, cestaria, sementes, arco e flecha e decorativas feitas de taquara e cipó.

2.1. GRUPO DE DANÇA CULTURA VIVA

O grupo de dança Cultura Viva é composto por 7 meninos e 15 meninas, totalizando 22 alunos entre a faixa de 8 á 10 anos de idade, o grupo ali trabalha a questão das metades tribais, pintura corporal e algumas praticas corporais, nesse caso a Danças Tradicionais Kaingang.



Figura 5 e 6: Grupo de Dança Cultura Viva¹⁵.

Atualmente o professor de grupo é o Leonides Fag Sénh Leopoldino, ele trabalha bastante a questão das marcas tribais com os alunos, também trabalha com pesquisas com os mais velhos da comunidade com os alunos para melhor compreensão do que eles irão fazer durante as Danças, as crianças gostam muito de escutar as histórias sobre a sua cultura, e o professor aproveita isso contando lhe as histórias sobre as guerras do passado e os rituais que eles faziam, na preparação do corpo e espiritual da pessoa.

¹⁵ Fonte: <http://educacaoindmissao.pol.blog.br/?mes=04&ano=2011>. Marines de Moura – 13/09/2013

Natalino Góg Crespo foi quem fundou esse grupo, uma pessoa humilde e gostava de trazer o seu conhecimento para as pessoas, principalmente de ensinar as crianças, hoje ele é falecido. Segundo a Ilda Regso Crespo, seu irmão Natalino Góg Crespo, nasceu no dia 25/12/1960, sempre morou na Missão Indígena até ele falecer, seus pais chamavam: Arcídia Ferreira Sales e Francisco Nér Gó Crespo, também falecidos e sempre foram moradores da Aldeia Missão. Ele começou a estudar nessa mesma aldeia e naquela época tinha só professores não indígenas, sendo as aulas apenas na Língua Portuguesa. Com o passar do tempo, o Natalino investe nos estudos e busca soluções para ajudar seu parentes Kaingang, sendo membro da turma de Monitores indígenas – projeto elaborado pelos professores estrangeiros que atuavam à época na comunidade.

Natalino sempre se preocupou com o uso da língua materna na educação escolar, por isso ele fazia questão de ir atrás dos projetos como o grupo de dança, que ele sempre fez questão de manter na escola, além dos projetos sobre as comidas típicas, as histórias contadas, enfim, projeto que mantenham a língua Kaingang nas escolas indígenas, viajando várias vezes à Alemanha. Ele também fez vários livros didáticos, para serem trabalhados na escola tudo escrito na Língua Kaingang

Entre o ano de 1998 e 1999, ele trabalhou com o grupo de dança na comunidades da Missão, e esse grupo de dança era chamado de Nãn Ga. Ele conduziu por dois anos esse grupo, viajavam muito em vários lugares mostrando e fazendo as danças tradicionais Kaingang. E em 2000 começou a trabalhar somente com as crianças na escola.

(...) No ano de 2000, ele iniciou o grupo de Dança na escola. Conduziu esse grupo, de forma serena até quando suas forças o possibilitaram. Representou o município de Redentora, juntamente com seu grupo, várias vezes em Porto Alegre. Ele sempre foi muito preocupado em preservar as tradições culturais do povo Kaingáng. Sabemos que neste momento o professor Natalino está nos aplaudindo e muito contente, ao ver que nós colegas e alunos, estamos dando continuidade ao projeto iniciado por ele em nossa escola há alguns anos atrás... Esse é o exemplo maior que nosso colega nos deixou. Não podemos ter medo de lutar. A dança de hoje, apresentada aqui, representa a dança da preparação para a guerra dos nossos antepassados. Mas hoje a guerra simbólica que está posta para nós, é a luta para não perdermos as nossas tradições culturais. Enfim, para finalizar, queremos dizer que estamos empenhados em dar continuidade ao nosso grupo de dança e à busca da valorização da educação indígena como fazia serenamente

nosso querido colega professor Natalino (...) (Diretora Marines de Moura Rosa, 2011)¹⁶

Segundo Josenia Goj Téj Crespo, ex-componete do Grupo Cultura Viva, ela gostava muito de fazer e praticar coisas que são da própria cultura: “o que foi não volta mais, mas sempre irão permanecer em nossa memória, para passar aos nossos filhos, netos e assim por em diante, elas precisam sempre estar em prática” – diz ela.

Inh mý sér tỹ vỹ tóg tĩg tĩ ěg ta ěg cultura to ke hyn han kỹ. Myr ti tĩg kar ti kar vỹ, kỹ ěg ta vẽnhrin'grén ke mũj ke nỹ tĩ. Ěg tỹ kar ěg grã mỹ tug tó ke um ke gé (Josenhia Goj Téj Crespo, 20 anos de idade, 2014)

Complementando a fala da Josenia, Lucas Camargo que também é ex componente do Grupo de Dança Cultura Viva, diz que ele gostava de participar desse grupo, pois “é através das danças que mostramos a nossa memória viva, pois se ela não for praticada ele more e daí quem vai contar para nossas história da cultura se for esquecido”, sentimos falta do nosso professor Natalino Góg Crespo, pois era ele quem gostava muito de falar e praticar as nossas danças tradicionais – explica Lucas.

Inh mý há ta tĩgtĩ, as ag mré mýsér tĩj vã ěn kã, mỹ ěg tỹ han tũ ka ũr nẽ han, ěg ta han tũ ka vã ter mũ ěg ta ó tugtój fã tĩ, kỹ vãnhr kar vã kã já tugtun mũ. Ěg kanhrãn fã tĩ ki ěkrén ěg tỹ tĩ, mýr Natalino Góg Crespo ti vã ěg mỹ tó ka mã ja nĩ, kar ěg ti mré vãsa ke ag ta mýsĩn'sér fã ki ke tĩ, ti ta kã jãj fã ěn kã. (Lucas Camargo, 12 anos de idade, 2014).

2.2. ESTÁGIO SOBRE “DANÇAS TRADICIONAIS KAINGANG”

O meu estágio da disciplina “Estágio III” do curso de LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA da UFSC, foi realizado numa escola indígena que pertence ao município de Redentora - RS com a carga horária de 20 horas/aulas. Nessa escola, trabalhamos com criatividade, demonstrando para a comunidade escolar, principalmente para os adolescentes, que é muito importante valorizar e compreender as nossas práticas corporais da cultura (DANÇA) e ao mesmo tempo trabalhamos com coletividade - professores indígenas e não indígenas, funcionários, velhos da comunidade e adolescentes.

¹⁶ Fonte: <http://educacaoindmissao.pol.blog.br/?mes=04&ano=2011>. Escrito por Marines de Moura Rosa

Algo que me chamou mais a atenção foram: as aulas de artes, onde os alunos acham que é só pra desenhar e pintar, onde eles acharam a minha aula muito boa, pois, eu os questionava, além de atraí-los envolvendo-os para o tema DANÇAS KAINANG. Pude ver que eles aprendem bastante praticando, a aprendizagem oral está viva nesses adolescentes, pois assim eles têm mais facilidade, expressando seus sentimentos, dando sua opinião e relatando os acontecimentos com seus próprios parentes. Assim pude perceber que foi uma aula alegre e participativa, a turma trocava ideias e socializava. Nos seus rostos dava pra ver que estavam animados e motivados sem medo de falar, a maioria estava bem segura de si mesmo.

Quando eles optaram por criar o canto para fazer a dança para apresentar para seus colegas da escola – canto e passos de dança ensaiados em apenas duas aulas – eles me impressionaram resolvendo situações, criando e reinventando a dança que eles conheciam. Pensaram em provocar uma ação que pudesse fortalecer suas crenças e o costume do seu povo, além disso, favorecendo a tomada de consciência dos seu amigos e colegas. Tiveram a percepção de que mesmo que com o passar do tempo, as mudanças e transformações, contemplam aspectos qualitativos que são difíceis de serem mensurados: a cultura, política, crenças, valores que devem prevalecer, sem esquecer a qual povo pertence.

As atividades de observação nas minhas aulas permitiram analisar e concluir que, o ensino da língua pode ser muito fácil, requerendo então habilidades dos professores, realizando atividades de reconhecimento, assim, reconhecendo em que fase o aluno se encontra. A importância do planejamento das aulas e ser bem seguro quanto a nossa metodologia, porém a nossa segurança de aprendizagem passa aos alunos, através do acolhimento, envolvendo-os numa boa preparação para uma atitude positiva, pois, tive que mudar alguns planos de aula, mas, pensando no melhor aprendizado do aluno, pois eles já trazem conhecimentos de casa, e eu apenas os ajudei, fazendo uma mediação para melhor compreensão do aluno.

É muito importante ter clara a existência de distintos tipos de conhecimento, assim, o conhecimento científico é tão cultural e local como qualquer outro. Posso dizer que é forte, hegemônico, mas é mais um modo de conhecimento dentre outros. Ao mesmo tempo em que é importante dominá-lo, é imprescindível saber que ele se constrói, em parte, negando outros tipos de conhecimento. Isto pode ser um problema

para os alunos Kaingang, pois os saberes adquiridos na escola podem não coincidir com os saberes sobre os quais seus avós tentam lhes fazer ouvir em casa.

Além disso, percebemos que os nomes dados para nós, eles são de acordo com a nossa metade, porque na dança é muito importante saber da sua marca, onde nós os Kaingang valorizamos o outro. Todos os rituais são importantes para o mundo Kaingang permanecer vivo, valorizando e respeitando o outro faz com que nos tornamos fortes na vida espiritual e fisicamente somos todos irmãos. O bom guerreiro não é aquele que mata, e sim aquele que sempre está preparado para o ataque, devendo a sua família, estender a mão pro outro.

Com essa experiência percebi que grandes partes dos professores deveriam saber do que o aluno mais precisa: ouvi-los, deixar que falem do seu conhecimento, ou seja, trocar ideias e praticar a compreensão do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, buscamos discutir como a construção e a identificação da pessoa se dá na sociedade Kaingang por meio da educação marcada no espaço e corpo. Apontando a importância das danças tradicionais para os Kaingang, a valorização do conhecimento dos mais *Kófa*, como valores que estavam presentes no passado e fazem parte da realidade atual. Porém, para que nós, Kaingang mantenhamos as nossas danças tradicionais, devemos valorizar os *Kófa*, porque são eles que têm o conhecimento e a experiência, eles são os transmissores destes conhecimentos para que continue a se fortalecer nas famílias e nas escolas.

Belos tempos em que o índio vivia em harmonia com a natureza, até que o homem branco veio e destruiu tudo. Sim, o homem branco “veio” e dizimou os povos nativos da América, mas muitas tribos, etnias, nações, ou como se queira chamar, sobreviveram. Esses povos “sofreram” uma assimilação da cultura branca com a sua, mas isso também não quer dizer que eles são menos índios do que aqueles que viviam em harmonia com a natureza. Não importa se eles são agricultores sedentários, vivem em casas com antena parabólica. Eles continuam sendo índios, e a história é isso, as mudanças, e temos de aceitá-las. Mesmo que, é claro, isso não impede de acharmos que a vida seria melhor sem essas assimilações. (SILVA, 2007, p. 11- 12)

Analizamos um pouco da Constituição de 1988, que garante os nossos direitos às demarcações de terras, à educação diferenciada e que respeita os processos próprios de ensino e aprendizagem de cada grupo indígena, entre os outros direitos. Um exemplo disso, a E.E.I.E.F. “Davi Rygjo Fernandes”, trabalha no projeto Semana Cultural, onde são práticas corporais não são apenas para escola, mas para toda comunidade. Lembrando que, no passado os rituais eram e ainda são muito importantes, para nossa vida, com o passar do tempo esses rituais foram nominados de danças, essa troca foi feito porque ela está sendo trabalhada nas escolas, num lugar longe do mato e do fogo, pois, no passado os rituais eram feita no meio da floresta e o fogo do kamẽ e kanhru eram queimados.

Nesta mesma escola, tive a oportunidade de trabalhar um assunto de muita importância, para ficar na memória viva nas crianças, foi de trabalhar a questão das Danças Tradicionais Kaingang e sua importância para a vida das crianças, de saber da sua marca *kamẽ (rá téj)* ou *kanhru (ra ror)* e que estão relacionadas à natureza. Além disso, o processo de aprendizagem da criança indígena é de forma tranquila, na medida em que ela vai crescendo, aperfeiçoa seus conhecimentos; ela dialoga e devem dar mais valor aos nossos *kofa* da comunidade, pois, é com os mais velhos que nós aprendemos cada vez mais, ou seja, o processo de aprendizado das crianças Kaingang não passa apenas pela educação escolar e sim pela vivência na mata.

Há uma preocupação muito grande em nossas comunidades, pois a prática do ensino tradicional está diminuindo entre as famílias Kaingang, pois, as crianças estão indo mais cedo para a escola e não fazem mais importantes processos de sua vida (os rituais do banho de ervas, da caça, da nomeação). Com tudo isso elas se tornam frágeis, por mais que estejam com a idade avançada. Assim, esperamos que essa pesquisa incentive e estimule o trabalho nas escolas indígenas de modo a colocar em dialogo os distintos conhecimentos, assim como fortaleça o conhecimento dos mais velhos dentro e fora do espaço escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas. *Referencial Curricular Nacional para a Escola Indígena*. Brasília: MEC, 1998.

COSTA, Fabíola; PETERS, Leila (?) Um jogo de parceiras entre Educação Física e Artes nas Brincadeiras da cultura Açoriana

MENEGOLLA. I. A et, al. Estado nutricional e fatores associados a estrutura de criança da Terra Indígena sul do Brasil. Caderno de saúde pública, Rio de Janeiro, 22(2):316, 2006.

NUNES, Aldo; SILVA Vera Lucia Gaspar (2008). Brinquedos da infância. Florianópolis: Secretaria de Estado da Administração-Diretoria de Gestão Documental, 2008.

VEIGA, Juracilda. (1994). *Organização Social e Cosmovisão Kaingáng: uma introdução ao parentesco casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meridional*. Campinas: IFCH-Unicamp. Dissertação de Mestrado.

VEIGA, Juracilda. (2000), *Cosmologia e Práticas Rituais Kaingáng*. Campinas: IFCH-Unicamp. Tese de Doutorado. XXIV Encontro Anual da Anpocs. GT 04 Etnologia Indígena. PPGCS – IFCH – UNICAMP.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. *Nosso Vizinho Kaingáng*. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2003.

HELENA ALPINI ROSA*ANA LÚCIA VULFE NÖTZOLD*SANDOR FERNANDO BRINGMANN*. História e cultura indígena – a força da lei sobre a diferença. 2003.

TOMMASINO, Kimiye; REZENDE, Jorgisnei Ferreira. Kikikoi: *Ritual dos Kaingáng na Área Indígena Xapecó/SC*. Londrina: Midiograf, 2000.

KRESÓ, Pedro. O Kiki permanece. In: TORAL, André (org.). *EG JAMEN KY MU – textos KANHGÁG*. Brasília: APBKG/Dka Áustria/ MEC/ PNUD, 1997. p. 82.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva (orgs). O Surgimento do Kiki: *Ouvir Memórias, Contar Histórias: Mitos e Lendas Kaingáng*. Santa Maria: Editora Pallotti, 2006.

MAUSS, Marcel. “As Técnicas do Corpo”. (1936). In: *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac & Naify. pp. 401-422, 2003.

TASSINARI, Antonella. Concepções indígenas de infância no Brasil. Campo Grande/MS – 2007.

Sites on- line:

- http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364517227_ARQUIVO_HistoriaeCulturaIndigena-aforcadaleisobreadiferenca.pdf.
- http://www.portalkaingang.org/index_guarita.htm.
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarita_\(terra_ind%C3%ADgena\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarita_(terra_ind%C3%ADgena)).

Entrevistados:

- O professor do grupo de Dança Cultura Viva, o Leonides Fag Sênh Leopoldio índio Kaingang, 30 anos de idade, pertencente a marca *kanhru*, “*ra ror*”.
- O professor das disciplinas: Artes, Artesanato e Técnicas agrícola para séries finais e faz parte do CPM (Conselho de Pais e Mestres), o Joãozinho Kunyn Marcolino com 54 anos de idade, pertencente a metade *Kanhru*, “*ra ror*”.
- A dona de casa, Ilda Regso Crespo com 42 anos de idades, marca *Kamê* “*ra téj*”, moradora da Missão Indígena e merendeira.
- A dona de casa e ex - participante do grupo de Dança Cultura Viva, a Josenia Goj Téj Crespo com 20 anos de idade, da marca *Kanhru*, “*ra ror*”.
- O adolescente Lucas Camargo com 12 anos de idade, marca *Kamê* “*ra téj*”, aluno e ex - participante do grupo de Dança Cultura Viva.
- O componente do grupo de Dança Cultura Viva, o Junior Vicente com 10 anos de idade da marca *kamê* “*ra téj*”

- A componente do grupo de Dança Cultura Viva, a Milene Candido de 10 anos de idade, da marca *Kanhru* “*ra ror*”.

APÊNDICE:

PROJETO DE ENSINO/ PLANO E ENSINO

DOCENTE/PROFº: Silvia Maria de Oliveira

ACADEMICA: Claciane Rinenh Crespo

DISCIPLINA: estágio III

TURMA:Kaingang

TERMINALIDADE: Linguagem:

Língua Portuguesa/Língua Kaingang/Artes/Ed.Física/ Informática.

ESCOLA: E.E.I.E.F. Davi Rygjo Fernandes

TURMA A SER TRABALHADA: 8º ano A

1-TÍTULO:

Danças kaingang

2-APRESENTAÇÃO/ Justificativa:

Este trabalho é importante para auxiliar na motivação dos alunos para a compreensão da dança tradicional kaingang, para os mesmos perceberem a importância do movimento coletivo, quando de sua participação nessa prática cultural, como também para o seu fortalecimento. Para além, o trabalho procura valorizar os conhecimentos dos anciões e, ao mesmo tempo, conscientizar a nova geração Kaingang, e mostrar para os educadores não indígenas que o povo kaingang tem a sua identidade e a sua cultura que se expressa pela dança.

3-OBJETIVO GERAL:

Valorizar as danças kaingang a sua importância para o processo da aprendizagem na memória dos alunos, reforçando na construção da identidade do grupo e sua participação que ainda existem na comunidade da Missão Indígena da T.I. do Guarita que pertence ao município de redentora/RS.

3.1-OBJETIVO ESPECÍFICO:

- Coletar informações sobre o que é dança indígena kaingang
- Reconhecer e valorizar a importância da dança na cultura kaingang
- Reconhecer a dança através de histórias contadas pelos nossos anciões (kujá) nos rituais, hoje dança.
- Realizar entrevistas com os velhos para saber sobre as danças que já não acontecem mais e o porquê disso...(dança do kiki, da viúva, da chuva e outros)
- Descrever os tipos de danças que existem e são praticadas na escola (dança da guerra e falar sobre o grupo de dança da escola).
- Produzir textos descritivo, informativo,
- Conhecer as responsabilidades de cuidados, preparação que os kaingang têm para com o seu corpo durante a preparação para a dança.
- Identificar as pinturas tradicionais do povo kaingang
- Observar as características mais utilizadas na dança nesta escola.
- Mostrar a diferença das danças indígenas kaingang do não índio,
- Formar um grupo de dança

4. CONTEÚDOS:

Diferenciação das danças kaingang das danças do não indígena

Tipos de danças tradicionais kaingang

Marcas tribais (kamê/kanhru)

As cores Tradicionais kaingang,

Regras conforme se dança

4.1. ATIVIDADES:

Língua kaingang e Língua português	Apresentação do tema oral Entrevista Leitura Textos Produção de texto Cartazes transcrição Questionários (elaborar as perguntas)
Artes	Exposição de desenhos Pintura corporal/Grafismo
Educação Física	<i>Práticas corporais</i> (formação de grupo de dança) Regras, movimentação conforme a dança. <i>Apresentação teatrais de dança</i>
Informática	Pesquisa bibliográfica Videos no site: (http://www.youtube.com/watch?v=20YgX5k_FQk)-- entendendo a dança indígena.

4.2 Recurso:

Dtashow/ eslaid;

video;

textos;

5-METODOLOGIA:

- **Pesquisa-** Utilizarei a informática (pesquisas de outras danças de outras etnias), para melhor entendimento do aluno. **(informação bibliográfica),**
- **Entrevistas-** Com o sábio da comunidade, alguns adolescentes do grupo de dança que tem na escola e adulto/professor do grupo de dança cultura viva. **(pesquisa de campo),**
- **Diferenciar** a dança da cultura com a da sociedade envolvente
- **Desenhos-** das marcas tribais o grafismo. (artes)
- **videos-** assistir o dvd: RITUAL DO KIKI,
- **Transcrição-** Dos depoimentos e relatos perguntas serão feita em língua nativa (kaingang) ou mesmo tradução bilíngue. (língua kaingang ou português)
- **Observação-** do grupo de dança CULTURA VIVA na escola e entrevistar de forma escrita sobre o que acha desse grupo e suas atividades, (língua portuguesa). Para isso acontecer precisarei de câmera digital para fotos e vídeos das danças e gravador de voz para entrevistas.
- **Apresentar uma dança cultural com a turma-** com o resultado final dos trabalhos coletados conforme o andamento das aulas para os alunos das outras turmas. Dando explicações sobre o que a dança representa, a partir disso socializando com outras turmas.

6-AVALIAÇÃO:

Além de poder avaliar os conteúdos de procedimentos e atitudes dos alunos, avaliarei a capacidade deles ao coletar, organizar dados experimentais da dança kaingang com a

sociedade envolvente os não indígena, a habilidade de interpretá-los e de relacioná-los e, por fim, de argumentar, uma vez que todos deverão propor explicações para as variações encontradas. No final os alunos avaliarão a participação individual e coletiva do colega de forma escrita e oral na dança que eles apresentarão para as outras turmas.

Olhando esse plano de ensino o nos dever é conhecer os alunos, de como trabalhar com os adolescentes com o tema bem delicado como este.

ANEXO:

Fotos do estagio

